

DA EXPERIÊNCIA DE DESCOBRIR E REDESCOBRIR O SOCIAL: RELATOS DE UM INICIANTE À PESQUISA CIENTÍFICA

MÁRCIO NOGUEIRA MARIANO*

“Não existe absurdo maior que um país com tanta terra ociosa e concentrada assistir sua população vegetar nas grandes cidades. A terra foi apropriada por uma minoria e precisa ser democratizada para servir como fonte de trabalho, como modo de aumentar a produção e distribuir a riqueza.”¹

O texto que ora apresento ao leitor é fragmento de um conjunto maior de reflexões que nos foi colocado em exposições e debates acerca da prática do pesquisador e questões de métodos em Ciências Sociais, fazendo parte dos objetivos propagados pela disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa II: Pesquisas Sociológicas, ministrado pela Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, no segundo semestre do ano letivo de 1995.

Revelar-se sujeito da história talvez não deva ser uma tarefa muito difícil. Definir os limites precisos onde se encontra o pesquisador, o cidadão, o ativista, já torna-se mais complicado. Mas quando se pensa em buscar respostas e quando se vê na condição de leitor do mundo, talvez a junção desses três momentos implicitamente esteja presente sem, ao menos, darmos conta. A violência das palavras, das idéias, torna-se tão patente que as vezes perdemos a visão de conjuntura, o fenômeno social total, e isso

* Bacharelado em Ciências Sociais na F.C.L./UNESP - Araraquara e pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural-NUPEDOR

¹ SOUZA, Herbert de. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 19 de fevereiro de 1995, p. 3.

pode acarretar graves distorções na maneira de encarar a realidade. Se a ciência debate-se hoje com crises, seja de paradigmas, da dificuldade de relacionar teoria e pesquisa, da vulnerabilidade de aplicação de teorias gerais na análise de diferentes trajetórias sociais, também nos encontramos diante da complexidade do processo de consenso político que permanentemente observamos no nosso cotidiano. Para que o país possa adentrar na nova ordem mundial (uma vaga no Conselho de Segurança da ONU por exemplo) algumas questões sociais estão sendo deixadas de lado em nome de uma modernização excludente. A reforma agrária faz parte desse momento. Será que desenvolver o país é dar prioridade às idéias e projetos do FMI e do Banco Mundial? Mas quais setores são prioritários? É sabido que para mexer com esse problema é necessário enfrentar alguns lados da questão, por exemplo: os velhos latifundiários e grandes empresas nacionais e multinacionais, privilegiadas ao longo de anos com incentivos fiscais e especulação imobiliária.

Por ora destaco minha participação como bolsista de iniciação científica em dois projetos de pesquisas que discutiram a viabilidade de assentamentos de reforma agrária no Estado de São Paulo². Focalizamos dois assentamentos localizados nos municípios de Araraquara e Motuca, na região de Ribeirão Preto, SP. Tem sido um processo lento de aprendizagem, coincidindo com a tarefa de tentar interpretar a relação homem-meio ambiente.

“Lá fora é uma visão, aqui dentro outra”³, é a fala de um assentado que alerta para o descaso do poder público para com esses trabalhadores que comportam no seu todo diferentes trajetórias e experiências de vida. É o retrato de ambigüidades nos projetos de reforma agrária e assentamentos ao longo das três últimas décadas no Estado de São Paulo. A partir de 1985 a política de assentamentos rurais do governo paulista deve ser compreendida dentro de um contexto de agudização de

² a) Projeto de Pesquisa “Análise e avaliação dos projetos de reforma agrária e assentamentos do Estado de São Paulo” - Auxílio Integrado/CNPq (encerrado em fevereiro de 1995).

b) Projeto de Pesquisa “Assentamentos Rurais: A Construção de Um Novo Modo de Vida em um Campo de Possibilidades e Diversidades” - Auxílio Integrado/CNPq (em andamento).

³ Diário de Campo da preparação para entrevista com um assentado.

conflitos. Temos a efervescência dos movimentos sociais rurais no campo, ou seja, o reconhecimento de “velhos” e novos atores sociais. Foi preciso então que o governo estadual reaparelhasse a sua máquina burocrática para efetivar a política de assentamentos. O Estado dá sua contribuição ora como ator, ora como mediador nos conflitos pela posse de terras.⁴

“Sem mudanças substanciais, mas matizando diferentemente os limites de controle e acesso à terra, o Estado se faz presente como o grande mediador desses confrontos.”

“Ao manter sob controle o acesso à terra, através da política de assentamentos, o Estado responde a estratégias de conciliação, pactos e pressões presentes nesse cenário de lutas...”

“O mapeamento dos projetos de assentamento do Estado de São Paulo é um vivo atestado dos desdobramentos dos conflitos pela terra. O passado é uma arma de luta do presente.”⁵

O básico que é, além de assentar famílias, dar a elas condições infra-estruturais para a sua reprodução, é a política que o poder público tem por obrigação adotar, mas a realidade por nós observada é outra. Esses problemas ecoam no assentamento da Fazenda Monte Alegre, por exemplo, onde pude observar o descaso do Estado no tocante à assistência técnica. São afirmações esparsas sobre essa vivência, onde teoria e prática se encontram e as vezes se chocam. A seguir, FERRANTE fornece os propósitos dessa dura caminhada.

“Conforme assinala Bourdieu, somente a pesquisa em ação’ produz a teoria científica - programa de percepção que se revela no trabalho empírico. Nessa linha, o avanço desta pesquisa pode dar conta de uma opção pelo rural que não significa a volta a um rural

⁴ BERGAMASCO, S. M. P. P.; D’AQUINO, T. e FERRANTE, V. L. S. B. “Assentamentos de Trabalhadores Rurais em São Paulo: A Roda-Viva de Seu Passado/Presente”. In **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: ANPOCS/Vértice, 1990, p. 256-257.

⁵ _____. In **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: ANPOCS/Vértice, 1990, p. 257.

bucólico que o saudosismo poderia identificar de forma romântica e equivocada. Muito pelo contrário, é um movimento histórico novo, significando reconstrução a partir de propostas culturais de resistência, porém integrados a uma realidade conquistada a partir da luta, o que supõe uma identidade como resultado da prática no sentido da práxis. Quando se afirma que o assentado é uma categoria nova e que a terra para o qual volta não é a mesma terra em que viveu ou viveram seus antepassados(despojada de valor simbólico), não se conclui que a construção de novos valores esteja para ele bloqueada. É evidente que a construção da identidade dos assentados deve ser enfocada dentro de um universo simbólico complexo cheio de tensões e necessitando de uma 'descrição densa'(no sentido dado por Geertz).''⁶

Foi com esse intuito de confrontar teoria na prática, e dela retirar subsídios para uma análise menos equivocada possível e passível de ser reformulada, dada a capacidade de movimentação do objeto, que pude então me preocupar com uma leitura do mundo.

DA MATTA⁷, em um texto muito interessante, enfoca três fases (ou planos) quando se trata de discorrer sobre as etapas de uma pesquisa em Etnologia. São elas:

- primeira fase: teórico-intelectual, onde ocorre o divórcio entre o futuro pesquisador e o seu objeto/tema de pesquisa. Seu conhecimento dá-se pelos livros, ensaios e artigos, enfim pelos outros.

⁶ FERRANTE, V. L. S. B. "**Pesquisando Assentamentos Rurais: Dilemas de Multidisciplinaridade e do Pluralismo Teórico**". Comunicação apresentado no III Simpósio de Ciências Humanas, Letras e Artes.

⁷ DA MATTA, R. "O Ofício de Etnólogo ou como ter 'Anthropological Blues' ". In NUNES, E. de O.(org.). **A Aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

- segunda fase: período prático, é a antevéspera de pesquisa, donde se passa pela cabeça do futuro pesquisador detalhes acerca de sua estadia, alimentação, condução, contatos, etc.

- terceira fase: por fim é a fase que mais nos interessa, é a fase pessoal ou existencial, é a que eu ousou chamar até de uma fase de “ressocialização” do pesquisador.

“Aqui, não temos mais divisões nítidas entre as etapas da nossa formação científica ou acadêmica, mas por uma espécie de prolongamento de tudo isso, uma certa visão de conjunto que certamente deve coroar todo o nosso esforço e trabalho. Deste modo, enquanto o plano teórico-intelectual é medido pela competência acadêmica e o plano prático pela perturbação de uma realidade que vai se tornando cada vez mais imediata, o plano existencial da pesquisa em Etnologia fala mais das lições que devo extrair do meu próprio caso. É por causa disso que eu a considero como essencialmente globalizadora e integradora: ela deve sintetizar a biografia com a teoria, e a prática do mundo com a do ofício.”⁸

É o momento onde se pode pensar e/ou repensar nossa prática: será que estamos oficializando um discurso de exclusão, integração, ou esfacelamento social? Será que somos capazes de dar as verdadeiras dimensões do que ocorre ao nosso redor? Seremos nós os portadores de um discurso de emancipação para nossos “objetos” de estudos? São questões que devem passar pela cabeça de qualquer pesquisador, pelo menos para mim são questões candentes, que acabam por transformar minha cabeça em um verdadeiro caldeirão de dúvidas!

Para alguns não passa de um simplismo exagerado o fato de eu estar gastando algumas páginas enfocando esses aspectos, mas de bom grado garanto ao leitor que a dúvida é condição essencial para trilhar o

⁸ _____. In Nunes, E. de O. (org.). **A Aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

tortuoso caminho em busca de respostas. Indagar, permitir a dúvida, o sacrifício desnortçado da leitura de livros e do mundo, mas não deixar-se levar pelo burocratismo vigente, a homogeneização do mundo; é dar luz ao montante de idéias, é valorizar a experiência, as diferentes trajetórias sociais, é ver que a diversidade ainda existe e responde ao mundo globalizado com maneiras e táticas de sobrevivência que precisamos compreender.

É, como diz José de Souza MARTINS⁹, exorcizando dois espíritos, o evolucionismo e o economicismo (fase que o autor considera importante superar para o conhecimento do mundo rural brasileiro), que se pode ultrapassar os impasses de uma análise distorcida. É preciso tentar decifrar o código singular que o campo nos oferece (conceito e relação com a natureza, crenças, aspirações por educação, recuperação das trajetórias de lutas, e um item mais que importante, as relações de gênero); em suma, sem essas ferramentas de trabalho não se pode compreender as transformações pelas quais passa esse meio.

*“É que não se tem presente que a base do conhecimento deve estar no processo do capital, que engendra contradições múltiplas a partir de diferentes situações sociais como as que são encontradas nas diferentes regiões brasileiras. Continuamos a discutir a classe operária urbana como se não houvesse nenhum elo entre a sua situação e a dos lavradores pobres do nordeste ou de outras regiões. Privilegiamos a burguesia e o proletariado de grandes cidades como São Paulo e repudiamos ou colocamos na obscuridade de um meio-esquecimento os outros personagens do mesmo processo porque não se revestem de atributos típicos-ideais. É quem assim age com freqüência recusa Weber em nome de Marx...”*¹⁰

⁹ MARTINS, J. de S. “Ciência e crise política: a Sociologia a caminho da roça”. In **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, v. 12.

¹⁰ _____. In **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, v. 12, p. 249.

O item básico para isso é a boa pesquisa de campo, rascunhar um diário de campo, trocar saudações matinais, aceitar um copo cheio de café como símbolo da hospitalidade do entrevistado, dialogar sobre as condições do tempo, falar sobre a vida, ouvir os problemas (às vezes até pessoais), saber quando utilizar o gravador, e ao final da entrevista notar que a ansiedade e as batidas dos corações de ambos voltaram ao normal e, o mais importante, o entrevistado revela a sua satisfação em poder falar, desabafar sobre seu cotidiano, sua história de vida tão rica, a revelar uma face de não-conformismo, de resistência, de esperança de um futuro melhor para os filhos. É o ponto final de um dia de coleta de material para a pesquisa, mas é o início de uma verdadeira tormentação, que se estende desde a confecção do diário de campo exaltando todos os detalhes possíveis, detalhes tão minuciosos que embelezam as páginas, como aqueles que vão do problema social ao problema sociológico.

É de TAVARES DOS SANTOS¹¹ que resgato a fundamentação sobre a passagem de uma questão social para uma questão sociológica. Sugere o autor que a investigação sociológica pressupõe alguns passos: da construção do objeto científico, da criação de conhecimento sobre a realidade social, orientado por uma fecunda relação entre a teoria, a observação e a interpretação.

*“Nossa orientação epistemológica tenta apreender o conhecimento em seu movimento, pela prática da descoberta.”*¹²

É através da descoberta que se pode visualizar a errância e é ela que permite definir a prática do sociólogo como uma aventura sociológica (respostas prováveis e provisórias às questões sociais). O conhecimento é um processo de retificação permanente. Para então fazer a distinção epistemológica entre o objeto real e o objeto científico, ou a passagem de uma questão social para uma questão sociológica, é preciso ir contra o

¹¹ TAVARES DOS SANTOS, J. V. “A Aventura Sociológica na Contemporaneidade”. In Adorno, S. (org.). **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Porto Alegre: Universidade, 1993, p. 73-84.

¹² _____. In Adorno, S. (org.). **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Porto Alegre: Universidade, 1993, p. 75.

senso comum, contra as pré-noções formuladas pela percepção social ou pela sociologia convencional. E é preciso procurar ir além do ponto onde estamos, ultrapassar o problema social.

*“Aqui está o núcleo do trabalho sociológico, o senso da problematização, a capacidade intelectual de levantar questões tanto para o social, questões produzidas pela história e pelas lutas sociais de nosso tempo, quanto para o sociólogo que sobre eles se debruça.”*¹³

O exagero para nosso ofício deve estar pautado na pesquisa densa, minuciosa, de diários e diários de campo, de coletas de relatos orais, simbolizando um mundo passível de ser conhecido (talvez não na sua plenitude), mas que revela novos horizontes para a explicação sociológica, em um mundo cada vez mais globalizado, definido universalmente pelas regras de mercado, uma tendência a desconsiderar a espécie humana.

É de suma importância reiterar que o homem respira, memoriza e insiste em manter suas diferenças, o que nos traz questões que não são novas, a desembocar num contingente de temas que pode nos levar a uma aventura em busca de respostas. De encontro a isso imagino que o pesquisador possa até mesmo repensar seus valores, sua visão de mundo, sua concepção da relação homem-meio ambiente, na difícil tarefa de “ressocializar-se”. “Ressocializar-se” comutando seus valores com os outros, dignificando as práticas de ambos, construindo um elo de cooperação para que se possa ousar sonhar na preservação do planeta.

Não foi minha intenção estabelecer parâmetros teóricos acerca das questões de métodos em Ciências Sociais, apenas apesar da minha pouca experiência quis elencar alguns pontos que considere importantes ao longo desses dois anos de trabalhos de campo. E para finalizar destaco dois escritores: Carlos Fuentes e Monteiro Lobato.

¹³ _____. In Adorno, S. (org.). **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Porto Alegre: Universidade, 1993, p. 77.

O mexicano Carlos Fuentes em um recente artigo¹⁴ acerca do livro "O Último Suspiro do Mouró" de Salman Rushdie, enfatiza três momentos dessa personalidade: a vítima, o escritor e o homem. São três momentos interessantes, mas para esse fim que proponho, o escritor, sua imaginação e linguagem são magistrais.

"A imaginação é perigosa porque nos abre a possibilidade de conhecer livremente, de escapar das prisões do dogma, de opor outras verdades, plurais, à verdade única do Estado neoliberal, sucessor sorridente do Estado totalitário, ou do Estado teocrático, solene aspirante a um novo totalitarismo.

A linguagem conta porque escolhe livremente seus símbolos, em vez de se conformar com as palavras entorpecentes do discurso oficial. A linguagem importa porque são ao mesmo tempo arbitrários e necessários.

*Arbitrários por serem surpreendentes, por expressarem dúvidas, por criticarem o mundo com o direito de fazê-lo, porque primeiro criticam a si mesmos. E necessários porque criam um discurso alternativo, que nos recorda que uma linha de Quevedo, Rilke ou Pinter vale mais do que 30 horas de televisão, cem páginas de jornal ou seis anos de discursos."*¹⁵

O brasileiro Monteiro Lobato é o outro escritor com temas tão contemporâneos. E "O Jardineiro Timóteo"¹⁶, conto de 1924, dá uma dimensão do fenômeno da ruptura sócio-cultural que se processou na sociedade paulista (e porque não brasileira) das primeiras décadas deste século. O moderno chegou, não pediu para entrar e foi logo dando seu recado, uma ruptura brutal, a destruição de um passado, a aspereza para

¹⁴ FUENTES, C. "Os três Rushdies". In *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 18 de fevereiro de 1996, p. A3.

¹⁵ _____. In *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 18 de fevereiro de 1996, p. A3.

¹⁶ MONTEIRO LOBATO, J. B. "O Jardineiro Timóteo". In Lajolo, M. (org.). *Contos Escolhidos*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 93-101.

com a memória. O negro Timóteo, escravo liberto, o poeta das flores, o sensível tutor do jardim revela que é possível uma relação afável entre o homem e o meio ambiente, diagnostica a importância da memória, o cuidado com a brutalidade da ruptura que o moderno pretende implantar. Por não suportar a crueldade com a maneira que se quer inovar, falece! É a convivência do passado (os antigos donos eram ex-senhores de escravos) com o presente, o novo, o moderno (os novos donos são gente da cidade). É uma denúncia, a cultura da gente do campo, que se rompida leva à sua desintegração!

Enfim, são questões que acho importantes para se pensar o Brasil, o mundo, nossas relações sociais e o meio ambiente.